

CATEGORIAS DE MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA E O PROGRAMA DE ESCRITA INVENTADA NA EJA

Juliane Gomes de Oliveira¹

Eixo temático 5: Alfabetização e educação de jovens, adultos e idosos

Resumo: A presente investigação faz parte de uma pesquisa de doutorado e insere-se no quadro teórico dos estudos sociointeracionistas e da pesquisa colaborativa. Ela tem como objetivo apresentar as categorias de mediação pedagógica construídas a partir das produções escritas de grupos de alunos jovens e adultos em processo de alfabetização. Foram realizadas análise e categorização das mediações ocorridas ao longo do programa de intervenção na escrita inventada (PEI) em diálogo com pesquisas desenvolvidas no Brasil com referências em Portugal. A pesquisa com escrita inventada é definida como uma ação que gera transformações no pensamento do alfabetizando, visto que mobiliza a sua atenção para as pautas sonoras das palavras e para a forma como pode registrá-las e pode favorecer o processo de reflexão metalinguística implicado na aprendizagem inicial da língua escrita. O conjunto dessas interações com os sujeitos adultos demonstrou que o exercício da escrita colaborativa pode desenvolver o processo de reflexões coletivas e individuais para o desenvolvimento na apreensão da língua escrita.

Palavras-chave: Categorias de Mediação pedagógica; Programa de escrita inventada; Alfabetização; Educação de jovens e adultos

¹ Doutorado em educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora alfabetizadora da Prefeitura de Belo Horizonte. Contato: julianegomesoliveira16@gmail.com

CATEGORIAS DE MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA E O PROGRAMA DE ESCRITA INVENTADA NA EJA

INTRODUÇÃO E REFERENCIAL TEÓRICO

Neste artigo, propõe-se refletir sobre as categorias de análise das mediações ocorridas no desenvolvimento de uma pesquisa com o Programa de Escrita Inventada (PEI) no coletivo de adultos em processo de alfabetização. Durante as atividades de escrita inventada que envolveram três grupos de alfabetizandos da educação de jovens e adultos da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte (RME-BH), buscamos analisar e identificar ações do mediador que favoreceram o processo de reflexão e de escrita de palavras pelos sujeitos participantes, bem como caracterizar e categorizar essas ações na dinâmica de interação entre mediadora e alunos.

O termo *escrita inventada* denomina o resultado das produções dos alunos, sejam eles crianças ou adultos, com registros de letras conhecidas por eles, que nomeamos como *registros inventados*. Nossa pesquisa ancora-se no conceito de escrita inventada utilizado por Soares (2016), inicialmente introduzido por Read (1971, 1975) e por Chomsky (1971), e diz respeito às escritas “precoces” das crianças, feitas antes mesmo do domínio das convenções do sistema de escrita e do ingresso no ensino formal. Essas produções gráficas iniciais fornecem informação relevante sobre a forma como a relação entre oralidade e escrita é percebida pelos sujeitos, que, por sua vez, repercute na adequação das correspondências grafema-fonema nas suas produções escritas (ALBUQUERQUE; ALVES MARTINS, 2018).

Os Programas de Escrita Inventada (PEI) em Portugal e no Brasil se baseiam no método de pesquisa colaborativa e, em sua maioria, tratam de investigações direcionadas às escritas inventadas pelos participantes em sua atuação coletiva, instigada pelo mediador no processo de aquisição da escrita. Caracterizam-se como encontros/sessões previamente planejados, realizados por um mediador ou docente com pequenos grupos de estudantes em processo de alfabetização (ALBUQUERQUE; ALVES MARTINS, 2019; OLIVEIRA; MACIEL, 2019).

As relações de troca entre os componentes do grupo e entre o grupo e o mediador são eixos norteadores das sessões para a escrita das palavras. Essa concepção vai ao encontro das teorias de aprendizagem de Vygotsky (1989), que tratam as relações de troca entre os pares como impulsionadoras das aprendizagens.

As interações, em geral, provocam dúvidas, conflitos cognitivos e podem desencadear processos de desenvolvimento interno, transformando reelaborações em novos significados e, conseqüentemente, em novos conhecimentos individuais. O teórico apresenta a linguagem como instrumento mediador do intercâmbio dos planos particular para o intrapessoal, constrói a possibilidade de apropriação, de tornar singular e particular em cada sujeito o que foi apreendido no plano interpessoal. Esse pensamento, que se construiu na relação dialógica entre os sujeitos, guarda em si o modo singular de ser e de estar no mundo que, mediado pela fala, revela vivências carregadas de sentidos, dos quais o sujeito se apropria (VYGOTSKY, 1979). Desta forma, os sistemas de interação produzidos pela mediação não só interferiram no contexto de socialização e exposição das hipóteses como também no processo de construção da aprendizagem e reflexão sobre a língua escrita no Programa de Escrita Inventada.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA COM OS ADULTOS

Sabemos que nos últimos anos os estudos na alfabetização e letramento de jovens e adultos trouxeram avanços teóricos e práticos na compreensão da construção da escrita por este público. A partir de meados da década de 1980, anunciaram-se, sob a influência da abordagem cognitivista, concepções baseadas nas contribuições da Psicogênese da Língua Escrita, formuladas por Ferreiro e Teberosky (1985), com base nos princípios piagetianos, e nas contribuições advindas da nova concepção de linguagem interacionista formuladas pelas ideias de Vygotsky (1979). Segundo Kleiman e Vóvio (2013), são as atualizações com as questões teórico-metodológicas que possibilitam mudanças nos olhares e nas formas de conceber e desenvolver a alfabetização na prática escolar com adultos.

Contudo, mesmo com os avanços, os esforços empreendidos ainda são poucos diante do tamanho do desafio de se compreender a construção do sistema de escrita alfabético (SEA) e as interfaces que envolvem o domínio competente da língua (SOARES, 2016). Nesse contexto, não é por acaso que se tornam relevantes as pesquisas realizadas sobre a aquisição da língua escrita pelo adulto. Os estudos recentes investem na busca de maior identidade pedagógica e política; e na preocupação epistemológica e metodológica da procura de um lugar, legitimamente próprio, para o campo da Alfabetização de Jovens e Adultos. Isso provocou esforços dos mais diversos grupos, tanto dos movimentos sociais, como dos pesquisadores, em favor de aprofundar os saberes relativos ao campo da EJA e da necessidade de formações e pesquisas específicas para lidar com questões que envolvem o ensino

da língua materna e o desenvolvimento das habilidades linguísticas, leitura e letramento.

É neste campo de princípios e demandas da alfabetização na EJA que esta pesquisa se apresenta. Buscamos compreender os processos metalinguísticos vividos pelos alfabetizandos da EJA em contato com a escrita de palavras em situação de mediação e interação/troca de saberes. Sendo assim, esse estudo de escrita inventada optou-se pela escolha de três grupos de alfabetizandos da educação de jovens e adultos da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (RME-BH), dois deles com três alunos e um com uma dupla de alunos, totalizando oito alfabetizandos. Os alfabetizandos foram selecionados por meio de uma atividade diagnóstica em três turmas de alfabetização, com escolha daqueles que apresentavam um perfil de escrita em fase inicial de construção do sistema alfabético. Foram realizadas oito sessões presenciais com cada grupo, com a escrita de três palavras em cada sessão.¹ Os encontros foram realizados duas vezes por semana, durante cinco semanas. Cada sessão tinha a duração de 20 a 30 minutos, e os alfabetizandos eram instados a discutir entre si, a expor, a argumentar e a chegar a um acordo sobre as letras que deveriam ser usadas para escrever a palavra ditada pela mediadora. A dinâmica da escrita se deu a partir das interações entre os integrantes dos grupos e a mediadora. Eles foram levados a pensar sobre a forma da escrita das palavras, levantando hipóteses sobre a constituição das letras para gerar a escrita, refletindo sobre as relações entre oral-escrito, as correspondências grafo-fonéticas e as regras implícitas associadas ao sistema de escrita, assimilando novos conhecimentos e competências do sistema alfabético de escrita (ALBUQUERQUE; ALVES MARTINS, 2019).

O papel da mediadora foi instigar a reflexão e aguçar a dinâmica da escrita colaborativa, analisando as formas de escrever as palavras ditadas oralmente, discutindo as suas ideias para chegar a um consenso sobre as letras mais adequadas para representar cada palavra. A mediadora teve um papel crucial na interação e na ação dos integrantes, pois estimulava a participação, o consenso entre os alunos e a explicitação de suas hipóteses sobre a língua nas discussões, questionando-os de forma a verbalizar seus pensamentos e reflexões. Esta função mediadora, baseada na perspectiva vygotskiana (1989), que atribui um papel determinante à influência da interação social e cultural sobre o desenvolvimento do sujeito, permitiu analisar os comportamentos e incentivar os participantes a refletir sobre a escrita, potenciando uma dinâmica de interação em torno da escrita colaborativa.

A base metodológica usada pela mediadora como fundamento de suas intervenções estabelece que estas devem ter efetividade na interação social durante o processo de desenvolvimento do alfabetizando em situação de escrita coletiva, uma

vez que a dimensão social e a individual se unem pela interação por meio da argumentação (VYGOTSKY, 1989).

RESULTADOS DA PESQUISA - AS CATEGORIAS DE MEDIAÇÃO

No Programa de Escrita Inventada, as categorias de mediação auxiliam o mediador/professor a guiar e auxiliar as reflexões dos estudantes. É importante que o mediador ou professor conheça as características do seu grupo, para entender o processo de desenvolvimento de cada sujeito e, assim, atuar de forma mais interativa na experiência coletiva dos alfabetizandos na escrita das palavras propostas. Dessa forma, o mediador desempenha um papel fundamental no desenvolvimento dos Programas de Escrita Inventada e necessita de preparo para conseguir conduzir com sucesso suas intervenções (ALVES MARTINS; SILVA, 2009).

Assim como nas pesquisas citadas do PEI, todas as sessões foram transcritas na sua integralidade e organizadas em arquivos em formato de grades ou células para permitir maior facilidade no momento de seleção e agrupamento. Realizamos uma análise geral de cada grupo com o estudo dos vídeos, das anotações em diário de campo e da leitura das transcrições. Após um estudo detalhado sobre o perfil de cada grupo, evidenciamos suas similaridades e diferenças e realizamos a análise de outras grades de categorização, construindo nosso próprio agrupamento de intervenções. Analisar detalhadamente as gravações e as anotações após cada sessão foi fundamental para definir, refinar e inserir novas categorias.

Ao final dessa etapa da pesquisa, identificamos sete categorias e quatro subcategorias de intervenção com alfabetizandos jovens e adultos. Elas foram caracterizadas a partir de ações específicas e recorrentes da mediadora junto às respostas, perguntas, hipóteses dos sujeitos. As categorias são: *gestão*; *questão*; *pista*; *retomada*; *feedback*; *registro* e *síntese*. E as subcategorias são: *inferência/indagação*; *confronto*; *incentivo* e *avaliação*.

Quadro 1 – Grade de categorias de mediação

<i>CATEGORIAS</i>	<i>DEFINIÇÃO</i>	<i>SUBCATEGORIA</i>	<i>FUNÇÃO</i>
GESTÃO	Solicitação de participação dos sujeitos (expressão de opiniões, tomada de decisões coletivas). Direcionamento para realizar uma tarefa (quem vai ler?; quem vai escrever?; quem vai falar?).		Garantir a participação de todos na tarefa.
QUESTÃO	Introdução de um problema ou de uma ideia para que os participantes discutam a relação letra/som.	2.1 Inferência/indagação	Conduzir a percepção: (i) do som e de sua relação com o escrito; (ii) da sequência das letras na palavra; (iii) da quantidade de letras na palavra.
		2.2 Confronto	Confrontar as hipóteses elaboradas pelos participantes com a escrita correta das palavras. Facilitar a análise fonológica. Facilitar a análise entre partes orais da palavra e partes escritas.
PISTA	Fornecimento de pistas como estratégias para a análise fonológica (prolongamento de fonema, separação de sílabas etc.).		Facilitar a análise fonológica. Facilitar a análise entre partes orais da palavra e partes escritas.
RETOMADA	Recapitulação de ideias importantes dos participantes para fazer o pensamento do grupo avançar.		Evidenciar ideias pertinentes na discussão do grupo, além de trazer hipóteses já verbalizadas/anunciadas pelo participante para dar continuidade ao seu raciocínio.
FEEDBACK	Atuação da mediadora para incentivar o posicionamento e ações (escrita) dos participantes.	5.1 Incentivo	Estimular o posicionamento dos participantes na defesa de suas hipóteses.
	Confirmar ou contrapor as ideias elaboradas e de conhecimentos demonstrados pelos participantes.	5.2 Avaliação	Confirmar ou contrapor a ideia do participante.
REGISTRO	Escrita colaborativa da palavra ou parte da palavra feita por um participante.		Monitorar o andamento da escrita por meio do registro.
SÍNTESE	Explicação da mediadora com intenção didático-pedagógica sobre as propriedades e o funcionamento do sistema de escrita alfabético após o confronto com a escrita convencional.		Fornecer explicação sobre a produção da escrita coletiva no final das sessões.

Fonte: Elaborado pelas autoras. Adaptado do Grupo de Pesquisa em Alfabetização (GPA), CEALE/FaE/UFMG, 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo deste artigo foi apresentar as categorias de mediação agrupadas no desenvolvimento de um programa de intervenção de escrita inventada (PEI) com alfabetizandos da educação de jovens e adultos em fase inicial da leitura e escrita. A análise das mediações com o público da EJA revelou progressos nas atitudes e dinamismo dos alfabetizandos, apresentando avanços no processo de interação dos alunos entre si e em sua relação com a mediadora. Em uma análise qualitativa das mediações, relacionamos as características da mediação com avanços no processo de maior autonomia e participação entre os pares sujeitos da pesquisa. Os grupos de alfabetizandos da EJA demonstraram avançar gradativamente no seu processo de aprendizagem, com maior cooperação e escuta, refletindo em seus avanços individuais. O nível de desenvolvimento proximal, ou seja, aquilo que eles conseguiam realizar com a ajuda uns dos outros e da mediadora, demonstrou que a aprendizagem, quando organizada adequadamente, é capaz de despertar processos internos de desenvolvimento que dificilmente ocorreriam de outra forma (VYGOTSKY, 1989).

Segundo os estudos de interação com a escrita inventada, as características do programa têm certamente um papel decisivo nos resultados obtidos. Tanto a colaboração entre pares como a mediação da pesquisadora foram fundamentais para a dinâmica de interação que surgiu ao longo das sessões. Com efeito, a exposição a situações-problema (no caso, a escrita de palavras) que requerem discussão e resolução coletiva foi apoiada pela mediadora, que desempenhou o papel de facilitadora e promoveu a reflexão por parte dos alunos, ao mesmo tempo em que direcionou o discurso e incentivou a participação ativa de todos. Esses, segundo Pontecorvo et al. (2005), são processos essenciais para o desenvolvimento e a aprendizagem. Nesse sentido, foi importante fomentar a autonomia dos alunos dentro da dinâmica de construção coletiva do conhecimento e estimular a comunicação e partilha de diferentes pontos de vista (ALBUQUERQUE; ALVES MARTINS, 2018).

A categorização das mediações nos fez refletir sobre a importância de os professores alfabetizadores da EJA possuírem um consistente repertório de mediações, ou seja, de terem conhecimento sobre suas próprias ações, que podem partir de uma pergunta bem formulada e fazer com que o sujeito pense e foque a sua atenção, além de promover um conflito cognitivo que aponte para o caminho da compreensão. (ALBUQUERQUE; ALVES MARTINS, 2019).

É evidente que os professores já possuem estratégias similares àquelas que foram vivenciadas nessa pesquisa quando promovem intervenções com seus

estudantes com o objetivo de avançar no aprendizado do ler e escrever. Nesse sentido, os dados indicados são uma opção de reflexão sobre essas práticas, buscando estabelecer pontes entre o fazer docente e as pesquisas destinadas à compreensão do sistema de escrita alfabético.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Ana.; ALVES MARTINS, Maria Margarida. **Dinâmicas interativas em programas de escrita inventada**: um estudo qualitativo em contexto de jardim-de-infância, *Edições ISPA*: Lisboa, p.169-186, abr. 2019.

ALBUQUERQUE, Ana., ALVES MARTINS, Maria Margarida. **Escrita inventada no jardim-de-infância: contributos para a aprendizagem da leitura e escrita**. *Análise Psicológica*, Lisboa, v. 36, n. 3, p. 341-354, 2018.

KLEIMAN, Angela; VÓVIO, Cláudia. **Letramento e Alfabetização de pessoas jovens e adultas**: um balanço da produção científica. *Caderno Cedes, Campinas*, Campinas, v. 33, n. 90, p. 177-196, maio/ago. 2013.

OLIVEIRA, Juliane; MACIEL, Francisca. O Programa de Escrita Inventada na Alfabetização de Jovens e Adultos: uma análise sobre a escrita de palavras. *Revista Brasileira de Alfabetização – ABAIf*, Belo Horizonte, v. 1, n. 11, p. 55-78, jul./dez, 2019.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. Belo Horizonte: Contexto, 2016.

FERREIRO, Emília.; TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1985.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Lisboa: Antídoto, 1979.
